



MARIGO, Ana Luiza; REIS, Camila Machado. *Apocolocintose: uma sátira para o tirano já ir dar o fora. Tradução e adaptação em quadrinhos de Apocolocyntosis, de Sêneca. São Paulo: Editora Dialética, 2023. 108pp. ISBN:9786525273327*

Book Review



Gelbart Souza Silva¹

<http://orcid.org/0000-0003-2782-9890>

gelbart.silva@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v13i2.68479>



Traduzir não é um ato neutro. Nem apolítico ou esvaziado de ideologia. O tradutor é um ser situado no tempo-espaço cultural que o molda e com o qual ele está em diálogo quando produz sua tradução. Assim é porque o texto que traduz também é atravessado por elementos constituintes de caráter cultural, religioso, político etc. Como aponta Mona Baker (2018, p. 340):

A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro.

A crença de que traduzir ocorre no terreno da neutralidade, como mera atividade técnica

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de São José do Rio Preto (UNESP/IBILCE).

de conduzir um texto de uma língua para outra, não tem sustento na realidade, haja vista que a escolha da linguagem, do estilo, de eventuais acréscimos ou supressões, de equivalentes mais ou menos marcados, tudo isso influi na recepção da obra traduzida e em sua interpretação. A própria escolha da obra a ser traduzida em detrimento de outras, o momento de trazê-las à luz e outras condicionantes editoriais ou mercadológicas seguem e ditam regras que não deixam de marcar a recepção do texto traduzido.

O tradutor também não é um ente neutro. Como explica Cristina Carneiro Rodrigues (1994, p. 53), “A tradução, enquanto uma prática político-social, é ideológica. A definição do caminho a seguir é ideológica – e teórica.”. O tradutor pode, a depender de seu projeto, salientar ou não marcas, silenciá-las, subvertê-las ou qualquer outra estratégia dialógica. Embora toda tradução possa ser assim percebida, aquelas que assumem para si como centro o elemento político podem ser chamadas de “ativistas” ou, pelo menos, “engajadas”. Traduzir um texto que, em sua origem, já carregava esse ativismo ou engajamento conduz a um certo dever de manter o mesmo caráter; contudo, nada impede que, a despeito (ou, para os mais puristas devotos da tal “fidelidade da tradução”, desrespeito) de elementos sócio-político-culturais do texto-fonte, se criem novos diálogos com os elementos da cultura que receberá esse texto. Tal procedimento certamente se inscreve num continuum, no qual se pode marcar uma maior ou menor apropriação, a ponto de, a partir do texto a ser traduzido, criar-se um novo texto que, lembrando sua base, é, de fato, uma tradução-criação, transposição criativa ou transcrição².

É o caso da recente tradução e adaptação para o formato de história em quadrinhos (HQ) da obra *Apocolocytosis*, de Lúcio Aneu Sêneca, feita por Ana Luiza Marigo e Camila Machado Reis, publicada pela Dialética Editora em 2023. Com o título *Apocolocintose* e o subtítulo “Uma sátira para o tirano já ir dar o fora”³, observa-se já a relação entre a antiguidade romana e o atual brasileiro, dois tempos colocados em diálogo por meio de uma tradução que, ao longo da narrativa, acena para situações recentes da história da política brasileira sob o governo de Jair Messias Bolsonaro (entre 2019 e 2023).

A obra em latim de Sêneca é escrita na chave da desconstrução da apoteose que o senado romano conferiu a Cláudio, penúltimo César da dinastia Júlio-Claudiana. O satirista teria produzido no ardor vingativo pelo que Cláudio lhe havia feito: supostamente, por intrigas palacianas, Cláudio banira Sêneca de Roma em 41 d.C., exílio que durou oito anos (Cardoso, 2011, p. 96). O título, *Apocolocytosis*, joga com o termo “apoteose”, modificando *theos*, deus, por *kolokynthe*, cabaça ou

² Sobre esse conceito e toda uma discussão mais robusta, cf. Campos (2011).

³ O subtítulo retoma o jogo de palavras usado por apoiadores do presidente Jair Messias Bolsonaro quando de sua campanha eleitoral: “É melhor já ir se acostumando”. Nas últimas eleições de 2022, a mesma construção foi retomada, agora também pela oposição, e serviu inclusive de letra de música: “Tá na hora do Jair já ir embora” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NarAz1hRvbl>).

abóbora; nesse sentido, seria algo como “transformação em abóbora” ou “aboborificação” (para contrapor-se a “divinização” ou “deificação”). Um dos mais interessantes exemplos da sátira menipeia em latim, *Apocolocintose* mistura trechos em verso e trechos em prosa, sempre com uma veia grossamente humorística, com bastante paródias e caracterização de pessoas e ideias.

Essa “salada” de gêneros e elementos vem apropriadamente reproduzida nas ilustrações que compõem o livro. A artista plástica Ana Luiza Marigo⁴ emprega diferentes técnicas, como desenho à mão com lápis, colagem e aquarela, para produzir as ricas imagens que desafiam o leitor, no mais das vezes, ao um jogo esfíngico de interpretação e apreciação do diálogo intersemiótico entre o texto traduzido, a cultura de partida (Roma antiga) e a cultura de chegada (Brasil contemporâneo).

Quanto à tradução, assinam-na Camila Machado Reis⁵ e Rafael Guimarães Tavares Silva⁶, cuja publicação, com introdução e notas, havia ocorrido três anos antes na *Codex* – Revista de Estudos Clássicos, trabalho que também faz parte do livro publicado pela Dialética, encerrando-o. Citam elogiosamente como precedente Frederico de Souza Silva (2008)⁷, que realizou em sua dissertação a tradução da obra com notas e comentários que lidam não só com o conteúdo cultural do texto, mas também com questões filológicas e tradutórias. Há notícia ainda de outras traduções disponíveis hoje pela academia brasileira, como a *Apocoloquintose*, de Heloísa Penna e Máira Laranjeira, produzida e publicada pela Faculdade de Letras da UFMG em 2010, e a coletiva *Abobrificação do Divo Cláudio*, de Luiz Henrique Milani Queriquelli, Maria Helena Felício Adriano, Miguel Ângelo Andriolo Mangini e Pedro Falleiros Heise, pela editora Iluminuras, de 2022. A abertura, no Brasil, para novas traduções de textos já traduzidos parece indicar nossa capacidade de lançar novos olhares sobre uma mesma obra por meio de um trabalho que, para alguns, é visto apenas como “técnico”, uma mera transposição de uma língua para outra. O fato de haver uma tradução já publicada permite, como comentam Reis e Silva (2020, p. 333), “alguma liberdade” para arriscar novas opções, diferentes diretrizes e inusitados projetos para tradução, de modo que, por exemplo, Sêneca pousasse em solo nosso brasileiro e, afetado pelos novos prados, começasse a “falar nossa própria língua, para nosso tempo”.

Nesse sentido, a tradução busca um coloquialismo brasileiro⁸ contemporâneo e certa localização, mantendo o jogo com fraseados à época em veiculação e cravados, para bem mas quase sempre para o mal, na mente dos brasileiros que viveram aquela quadra da história, como é o caso

⁴ Amostras das artes que constituem o livro podem ser conferidas no perfil da artista no Behance, bem como outras produções suas: <https://www.behance.net/gallery/134250801/Apocolocyntosis>.

⁵ Endereço para acessar o Currículo lattes da autora: <http://lattes.cnpq.br/8590042016514496>.

⁶ Endereço para acessar o Currículo lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7864336413389692>.

⁷ Cabe informar que a tradução saiu publicada em livro pela editora Kotter, em 2021.

⁸ Como o uso predominante de “você”, a contração “pra”, próclise pronominal e expressões bem informais como “rabo-preso”, “casa-da-mãe-joana”, “mandar às favas”.

de “tá ok?!”, bordão repisado de Bolsonaro.

Para efeito de análise, reproduzimos abaixo o texto em latim seguido da tradução:

1.1 *Quid actum sit in caelo ante diem III idus Octobris anno nouo, initio saeculi felicissimi, uolo memoriae tradere. Nihil nec offensae nec gratiae dabitur. Haec ita uera si quis quaesiuerit unde sciam, primum, si noluerio, non respondebo. Quis coacturus est? Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille qui uerum prouerbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere. 2 Si libuerit respondere, dicam quod mihi in buccam uenerit. Quis unquam ab historico iuratores exegit?*

Em nome da memória, quero transmitir o que se passou no céu, no dia 3 antes dos idos de outubro de um novo ano, início de um felicíssimo século, de forma imparcialíssima! Nem ressentimento nem reconhecimento ditarão minhas palavras. Daí, se você perguntar sobre a fonte do que narro aqui, primeiramente saiba que, caso eu não queira, não respondo, não. Quem é obrigado?! Só sei que me tornei livre ao findar dos dias daquele que tornara verdadeiro o provérbio convém nascer tanto rei quanto idiota. Se me agradar responder, direi o que me vier à boca. Quem é que vai exigir juramento de historiador?!

Notem-se, de partida, algumas decisões de Reis e Silva que, de fato, demonstram a assinalada liberdade, mas que, em contrapartida, anunciam o nível e o caráter do texto traduzido. As escolhas lexicais mostram a busca por uma linguagem, ao mesmo tempo, expressiva e média, por isso, embora revele momentos de maior proximidade com o latim, por exemplo, na forma *felicissimi*, na versão literal da indicação temporal e em formulações como “Se me agradar responder, direi o que me vier à boca” (*dicam quod mihi in buccam uenerit*)⁹, a escolha por “quero” (*uolo*)¹⁰, duplicação da negativa em “caso eu não queira, não respondo, não” (*si noluerio, non respondebo*), termo “idiota” (*fatuum*) e o uso da pontuação dupla “?!” contrabalança a linguagem. Esse (des)equilíbrio da linguagem, parece-nos, indicia que tipo de texto estamos lendo: um verdadeiro intertexto vivo, nem muito lá

⁹ Curiosa é a passagem *Vae me, puto, concacui me*, a qual Reis e Silva vertem como “Ai de mim, creio que me caguei”, Silva (2008) também segue a mesma ideia; porém, em latim, as orações são justapostas, sem recurso a uma integrante ou oração infinitiva, e o termo chulo é mais forte do que apenas “cagar”. Penna e Laranjeira propõem “Ai de mim, acho que me borrei”, o que deixa mais coloquial. Pensando na proposta do livro de Reis e Marigo, poderia ser uma alternativa: “Eita! me caguei todo, eu acho”; pensando no contexto em que a frase se insere (deboche sobre a difícil eloquência de Cláudio, tópico retomado em outros momentos) e na figura a que se alude (Bolsonaro, a quem também a natureza não brindou com o dom da oratória, seja em português, seja em inglês), uma frase truncado e bem informal caberia melhor do que uma mais próxima do solene. No texto da HQ, o tema do “cagar” é retomado como motivo, em expressões como “#enfizado” e “caguei” e em emojis, esta última saída da boca de Bolsonaro. Esse chulismo combina bem com a representação do vocabulário do atual ex-presidente que, inclusive, foi considerado o maior rebaixamento da sublimidade do cargo presidencial, muito porque não seguia protocolos e rituais próprios da função, o que lhe rendia aplausos dos sedizentes “antipolítica”, embora conservadores ao extremo de serem reacionários mesmo. Ademais, remete ao problema gastrointestinal de Bolsonaro, seqüela do atentado a faca que ele sofrera durante as eleições em 2018.

¹⁰ Tanto Silva (2008) quanto Penna e Laranjeira (2010) optam por “desejo”, palavra mais alta.

nem muito cá, mas às vezes bem lá e demasiado cá. Ou seja: acentua-se o caráter menipeico da obra original, ao mesclar estilos num mesmo parágrafo. Outras passagens continuam o mesmo passo, em corda bamba.

Valem, ainda, mais algumas palavras. Para o trecho *Nihil nec offensae nec gratiae dabitur*, manteve-se o eco do genitivo latino por meio do sufixo -mento: “Nem ressentimento nem reconhecimento ditarão minhas palavras”. Na mesma frase em que se expressa um cuidado na reprodução de um som, nota-se um afastamento considerável tanto da sintaxe da frase quanto da semântica do verbo. Na negociação que é o processo de traduzir, a própria “perda” pode gerar um “ganho”. No caso, a escolha por “ditarão” não parece, de longe, fortuita, e um leitor brasileiro pode facilmente recuperar “Ditadura”, período da história brasileira louvado por Jair Bolsonaro, alvo palimpséstico da sátira traduzida, não obstante sejam de conhecimento comum as atrocidades à época cometidas e suas consequências observadas ainda hodiernamente. É parte da história brasileira que retornou, sem nunca nos ter abandonado de fato, a assombrar o país. Decorre disso, talvez, a escolha de verter *memoriae tradere* por “Em nome da memória”, colocando-a à testa do texto, abrindo-o quase como um manifesto: não devemos, pois, esquecer quem foi Cláudio, para evitar que novos Cláudios surjam, se elejam e se mitifiquem.

Por fim, a expressão “de forma imparcialíssima!” não se ancora muito no texto, mas a ausência de uma porção que verta *Haec ita uera* leva-nos a crer numa ligação possível: o governo de Bolsonaro, para além de outras várias questões, fora criticado por falta de impessoalidade e, decorrente disso, por parcialidade. A expressão com um sufixo -íssima e um ponto de exclamação torna-se irônica, pois qual sátira há de ser imparcial se, por definição, busca salientar o que há de mais defeituoso no ser ou na coisa satirizada?

Por seu lado, a parte gráfica do livro não lança menos desafios do que o texto traduzido. As referências imagéticas romanas e brasileiras, clássicas e contemporâneas, são misturadas num quadro que vai compondo páginas literalmente cheias, quase sem respiro, interligando-se e sobrepondo-se. O excesso de detalhes, as figuras amorfas, os movimentos para todas as direções, a variegada forma de o texto ser enquadrado, o experimentalismo dos materiais e a multidão de referências imagéticas impedem uma olhada desatenta e convida o leitor a parar e observar a página à procura dos *easter eggs*, como em um jogo de exploração, na busca de compreender a que se referem os elementos ali aplicados. Às vezes, a tarefa é mais fácil, mas não por isso menos interessante. É o caso da cena da goiabeira, remetendo a um testemunho da pastora Damares Alves, que viria a ser ministra do governo Bolsonaro na pasta dos Direitos Humanos, da Mulher e da Família, em que ela declara, em uma pregação, ter visto Jesus subir no pé de goiaba no qual ela estava. Marigo transpõe a cena ressaltando o teor religioso e, ainda, risível da cena, riso esse que, à época, também foi provocado pela ridicularização do testemunho de Damares. Na imagem (ver anexo 2), Damares é desenhada como que em transe; Jesus é o sol e faz, numa mão, gesto remetendo ao *pantocrator*, comum na

iconografia cristã, na outra, o mesmo gesto, porém invertido. Também se vê esgueirando no galho uma serpente, remetendo à do Éden, bem como a maçã proibida como uma goiaba. Abaixo desse quadro, figuras gargalham e insinuam que a personagem está louca, e que comera uma goiaba bichada¹¹.

Esses elementos, bem como outras decisões gráficas, exigem do leitor uma formulação, por assim dizer, de uma gramática para essa quadrinização. O leitor deve, por exemplo, no confronto com os caracteres que reproduzem o texto (cf. Anexo 1 e 2), internalizar o alfabeto como se, e de fato é, fosse um texto em português brasileiro grafado com letras “estrangeiras”, porque “estranhas”. Elas apresentam¹² acréscimos, distorções, inversões, deslocamentos e texturização que as fazem remeter a um contexto clássico.

As ilustrações também têm voo solo em algumas partes do HQ. O silêncio solene da falta de texto confere um peso enorme às cenas que vão estampadas. Por exemplo, a sequência em que aparece a vereadora assassinada Marielle Franco e imagens do Cristo Redentor com semblante triste, fuzis amarrados em suas mãos, homens aparatados de uniforme e carrancudos à frente da estátua, e o mar ensanguentado¹³; representariam o crescimento da virulência, a propaganda da teologia do domínio e a expansão do milicianismo, uma tríade apocalíptica que atinge o país, não só a terra carioca, tampouco só naquele período, mas ainda nos dias que correm. O mesmo vazio¹⁴ ensurdecedor mas bradando as cenas atormentadoras do Brasil sob Bolsonaro retrata a queimada assoladora de nossa fauna e flora. Esta cena imediatamente se liga a páginas que relembram todo o desastre brasileiro durante a pandemia do Covid-19 por negligência do nosso governante máximo, que, na verdade, para muitos, lutou a favor do vírus. A cena pintada é impactante: em volta de uma plantação de cruzeiros sendo arada por tratores, da esquerda inferior da página há um arco que começa com os bolsonaristas fazendo motocicleta, passando por um enfermeiro, depois doentes entubados e familiares em pranto, finalizando com uma carreira de crânios.

Embora merecessem um comentário longo cada página da HQ e cada conexão, bem como um mergulho amplo na análise da tradução, tal trabalho calha a outro tipo de publicação. Vale, porém, registrar alguns pontos que, enquanto leitores, nos incomodou, não obstante às vezes irrelevantes para a experiência como um todo. O principal, talvez, tenha sido a ausência

¹¹ Inclusive, a serpente se torna o bicho da goiaba no balão de uma das figuras que riem, o que é uma repetição de elementos com ressignificação.

¹² Vale dizer que não é em todos os textos. Por exemplo, em balões de fala de personagens, como em “Ai de mim, creio que caguei” e numa inserção “#caguei”, falas ambas da representação de Bolsonaro, são usadas grafias diferenciadas, bem como a ocorrência de termos gregos, que assumem uma fonte padrão de computador. Este último aspecto, que causa uma quebra no conjunto, pode ter ocorrido por limitação técnica, mas como o grego também destoaria de um texto latino, causa pouco dificuldade e, talvez, poderia ser contornado a presença do alfabeto grego com a criação de mais uma forma de grafá-lo em comparação com as demais, ou mesmo não usar o texto grego na HQ.

¹³ Para ver as imagens, visite: <https://www.behance.net/gallery/134250801/Apocolocytosis>.

¹⁴ Há presença da assinatura da artista e da data em uma das páginas da sequência.

de paginação, o que atrapalha a referência. Desde o preâmbulo há essa falta, mas a numeração aparece a partir do artigo reproduzido, contando 71 em diante. Há ainda números sem função no meio do texto: “O Taltíbio dos deuses, 72”, “mais injusto que propriamente novo. 4 Discutiu-se”; ao cotejar o artigo anexado ao livro, percebemos que o primeiro se trata de uma chamada de nota que explica “Taltíbio, arauto de Agamêmnon, participou da Guerra de Troia”, o segundo, marcação da divisão textual: seria indicação o início do trecho 4 da seção XIV¹⁵. Por fim, algumas imagens que têm balão muito próximo da intersecção das páginas fazem com que a espinha do livro dificulte a leitura do texto sem esgarçamento. Nenhum desses pontos desmerecem o projeto, apenas poderiam tornar a experiência mais materialmente prazerosa.

Em suma, *Apocolocintose: uma sátira para o tirano já ir dar o fora* parece ser uma obra para brasileiros, uma vez que algumas referências a casos políticos, situações específicas e contexto imagético podem até passar despercebidas para um leitor menos embrenhado no contexto da gestão Bolsonaro. Isso, porém, também pode ocorrer a um leitor comum que, pegando uma tradução mais “literal” da obra senequiana, deixe escapar as referências do texto romano, se não avisado por notas. Ou seja, um romano antigo leria Sêneca mais bem municiado na mesma medida e forma que um brasileiro contemporâneo leria os quadrinhos de Marigo e Reis. Por conseguinte, do mesmo modo que Sêneca teria legado à memória a figura de Cláudio, em nome da memória, essa tradução quadrinizada¹⁶ registra poética e criticamente, via renovação da satirização, a pessoa e a postura de Bolsonaro enquanto presidente da nação brasileira. Essa sensação de necessidade de lembrar para não esquecer, e não esquecer para não se repetir, resvala no memorialismo. Nesse aspecto, vale citar um trecho de Lorna Hardwick (2018, p. 19) em seu texto *Thinking with Classical Reception*:

O termo “novo memorialismo” tem sido usado para descrever as maneiras pelas quais a nova escrita utiliza material clássico. Autores (antigos e modernos) e leitores familiarizados com material anterior unem-se em uma espécie de coautoria, criando novas narrativas e formas de ver o mundo ancoradas em uma memória compartilhada (embora construída) do passado clássico e/ou mitológico. Eles, por sua vez, ampliam essa coautoria do passado, trazendo um novo grupo de leitores para se juntar a uma narrativa mitológica que funciona como parte de um texto em constante evolução.

¹⁵ No texto dos quadrinhos, não há indicação de nenhuma nota, nenhum rodapé, bem como não reproduz a divisão do texto latino. Já no artigo em anexo, sim.

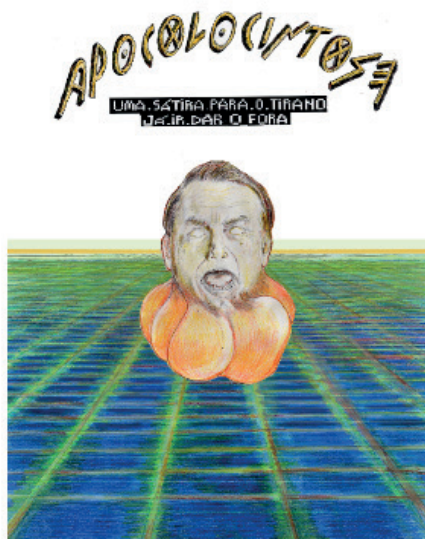
¹⁶ Em nota ao livro, explicam que trabalho foi inspirado nas traduções ilustradas da *Iliada* (Editora RHJ, 2012) e *Odisseia* (Editora Peirópolis, 2013) da professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, bem como seu livro *Pescando Imagens com Rede Textual: Hq Como Tradução* (Editora Peirópolis, 2013) como base teórica.

O novo autor/tradutor/adaptador assume uma função decisiva nesse processo¹⁷.

Processo esse que é entendido em um papel ativo, de protagonismo, pelo qual o material antigo sofre influência ao passo que também influencia o material em devir, num diálogo constante, sempre de mão dupla (cf. Martindale, 2006), que nos faz ver o presente pelo passado e o passado pelo presente, o outro através de nós, e a nós atravessados pelo outro. São esses atravessamentos dialógicos intertemporais e interculturais que experimenta o leitor de *Apocolocintose: uma sátira para o tirano já ir dar o fora*.

Anexos

Anexo 1



Anexo 2



Referências bibliográficas

- BAKER, Mona. A tradução como um espaço alternativo para ação política. Traduzido por Cristiane Roscoe-Bessa, Flávia Lamberti e Janaína Araujo Rodrigues. *Cadernos de Tradução*, v. 38, pp. 339-380, 2018.
- CAMPOS, Haroldo de. *Da transcriação: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.

¹⁷ The term 'new memoryism' has been used to describe ways in which new writing uses classical material. Authors (ancient and modern) and readers who are familiar with earlier material join in a kind of coauthorship, creating new narratives and ways of looking at the world that are anchored in a shared (albeit constructed) memory of the classical and/or mythological past. They in their turn extend this co-authorship of the past by bringing in a new cohort of readers to join a mythological narrative that functions as part of a continuously evolving text. The new author/translator/adaptor takes on a decisive agency in that process.

- CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. 3^a ed. rev. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- HARDWICK, Lorna. Thinking with Classical Reception. Critical distance, critical licence, critical amnesia? In: RICHARDSON, Edmund. **Classics in Extremis**. Bloomsbury Publishing, 2018 [Bloomsbury Studies in Classical Reception]. pp. 13-24.
- MARTINDALE, Charles. Introduction: Thinking Through Reception. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F (eds.). **Classics and the Uses of Reception**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. pp.1-13.
- REIS, Camila Machado; SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. Uma sátira para o tirano já ir dar o fora: “A Aboborização do Divino Cláudio” de Sêneca no Brasil contemporâneo. **Codex: Revista de Estudos Clássicos**, v. 8, n. 1, pp. 331-356, 2020.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução e práticas político-culturais. **Tradterm**, v. 1, pp. 49-56, 1994.
- SÊNECA. **Apocolocyntosis. De Providentia**. Tradução de Heloisa Penna e Máira Borges Laranjeira. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2010.
- SILVA, Frederico de Sousa. **Apocolocintose do Divino Cláudio**: Tradução, notas e comentários. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

